

8. Cristo, Nosso Sacerdote (4º. Trimestre de 2013—O santuário)

Material bíblico: Sl. 110:1-5; Gn. 14:18-20; Rm. 8:31-34; 1 Tm. 2:4-6; Hb. 2:17-18; 3:6; 7:1-3; 8:1-2, 6; 10:1-14.

Citações

- Nada é mais indispensável para a verdadeira religiosidade do que um mediador que nos liga com a divindade. *Novalis*
- Os sacerdotes não passam de homens. *Robert Browning*
- Deus é o soberano Senhor de todos nós... Por isso, o relacionamento do homem com Deus é direto e não requer nenhum intermediário; qualquer alegação de uma igreja ou sacerdote de que é um mediador necessário, deve ser repelida. *John Wycliffe*
- Não só não há necessidade de um intermediário por meio do qual Ele quer que você fale com Ele, mas, além disso, Ele tem prazer em que você trate pessoal e intimamente com Ele. *Alphonsus Liguori*
- Se você pregar em nome de Deus, o culto vai rir. Pergunte, então, o que ele fez pelo país. Se você pregar em nome de Deus, os sacerdotes vão excomungá-lo. Diga-lhes, então, que você conhece a Deus melhor do que todos eles juntos e que, entre Deus e Sua lei, você não tem necessidade de nenhum intermediário. *Giuseppe Mazzini*
- Cristo levou nossa natureza para o céu a fim de nos representar, mas deixou-nos na terra com Sua natureza a fim de que O representemos. *John Newton*.

Perguntas

Qual é a importância da identificação de Jesus como nosso sumo sacerdote? De que maneira Jesus age como nosso sumo sacerdote, e o que significa o que ele faz? O que Jesus quer dizer quando diz que NÃO rogará ao Pai por nós? Como essa clara declaração impacta nossa compreensão de Seu ministério sacerdotal?

Resumo bíblico

O Salmo 110 nos lembra que o Senhor é sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque, referindo-se à história de Gn. 14:18-20, que também é citada em Hb. 7:1-3. Rm. 8:34, na Free Bible Version (FBV), nos diz que “É Cristo Jesus que morreu ou, mais importante, que foi ressuscitado dentre os mortos, que está do lado direito de Deus, apresentando o nosso caso”. Paulo diz a Timóteo: “Porque há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem. Ele deu a Si mesmo para que pudéssemos ser todos recuperados, apresentando as provas no momento certo” (1 Tm. 2:4-6, FBV). O ministério sacerdotal de Cristo é “melhor” (Hb. 8:6), “faz expiação” (Hb. 2:17), é “fiel” (Hb 3:6), ocorre “no verdadeiro santuário” (Hb. 8:1-2). “É por isso que, quando Cristo veio ao mundo, Ele disse: ‘Não quiseste sacrifícios ou oferendas, mas preparaste um corpo para mim. Holocaustos e sacrifícios pelo pecado não te davam prazer’. Então eu disse: ‘Deus, vê que eu vim para fazer o que Tu queres que eu faça, assim como se diz sobre mim no livro’. Como mencionado acima, ‘Não quiseste sacrifícios ou oferendas, e holocaustos e oblações pelo pecado não te davam prazer,’ (mesmo que fossem oferecidos de acordo com as exigências da lei). Então Jesus disse: ‘Vês que eu vim para fazer o que Tu queres’. Ele anula o primeiro pacto para que possa instituir o segundo, por meio do qual todos nós somos santificados em Cristo Jesus, que oferece Seu corpo uma vez por todas” (Hb. 10:5-10, FBV).

Comentário

Como você definiria a função primária de um sacerdote? O que é um ministério sacerdotal? A principal ideia comum a todas as concepções religiosas de sacerdote é fornecer uma conexão com o divino, um intermediário entre Deus e o homem.

Mas se Jesus é Deus, como é que Ele pode ser este mediador? Outro significado da palavra “mediar” é fornecer conceitos e informações, ser aquele que dá respostas às perguntas. Infelizmente, “mediar” muitas vezes significa “arbitrar entre partes em conflito”. Como tal visão se encaixa em nosso relacionamento com Deus? E, se Jesus é nosso Sumo Sacerdote, o que isso significa em termos de conceito e prática?

Muito do que apreciamos a respeito de Jesus como nosso Sumo Sacerdote vai depender de que função nós pensamos que Ele está realizando. Por isso, é absolutamente essencial compreender o que Hebreus está dizendo sobre isso. Hb. 5:8-10 dá uma descrição desse sumo sacerdócio, mas o que vem em seguida é uma explicação. Realmente é preciso ler os capítulos 5 a 7 como um todo para que vejamos o conceito que Hebreus está estabelecendo. A tese principal é: “É por isso que diz: ‘Tu és sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque’. Portanto, a regra anterior foi anulada porque era impotente e não funcionava (pois a lei não conseguia fazer nada perfeito). Mas agora ela foi substituída por uma esperança melhor pela qual podemos chegar perto de Deus” (Hb 7:17-19, FBV). O acesso a Deus é a perspectiva primária. (Veja-se também 6: 20, FBV: “Jesus entrou em nosso nome, porque Ele havia se tornado sumo sacerdote, segundo a ordem de Melquisedeque”.)

O ministério de Jesus no santuário não deveria ser visto como contradizendo Sua afirmação mais clara que diz que vai expor claramente sobre o Pai: “Eu não preciso fazer nenhuma barganha para pleitear com o Pai por vocês, pois o próprio Pai os ama” (Jo. 16:25-26, versão Phillips). Seus discípulos tiveram prazer em ouvir essas verdades, e clamaram: “agora Tu estás falando claramente” (v. 29).

Se a verdade mais simples e clara é que Jesus não está pleiteando por nós, o que fazemos com essas ideias de que Jesus está suplicando ao Pai por nós? Na verdade, Hebreus não diz isso. Mas diz (9:24) que Ele entrou no céu “para comparecer por nós”. Não temos, porém, a imagem de Jesus pedindo ao Pai que seja bom para nós, tentando persuadir o nosso Deus a fazer qualquer outra coisa além do que Ele já pretendia fazer. Dizer o contrário disso seria dividir a Trindade, colocar a Divindade contra Si mesma.

Na verdade, nos vários textos que mencionam Jesus comparecendo diante do Pai “por nós”, Ele deve ser visto como advogando em nosso nome não perante o Pai, mas perante todo o universo, que funciona como “júri”. Satanás é o acusador e não Deus, e Deus já sabe a verdade. Ele não precisa ser persuadido. Assim, a imagem correta é a do Filho como nosso Advogado, defendendo o nosso caso diante de toda a corte, refutando as alegações do acusador e, assim, justificando o Pai e a nós também que, no processo, optamos por aceitar a cura salvífica que vem de Deus.

O perigo de a mensagem do santuário ser incompreendida, é sugerir que Jesus (o bom Deus) tem que lutar com o Pai (o Deus irado e hostil), a fim de alcançar a nossa salvação. Desta forma, nós repetimos as acusações de Satanás, que condenou a Deus por ser hostil e implacável, um ser sem amor e vingativo, que tem prazer na punição vingativa às criaturas que erram. Faríamos bem em rejeitar totalmente essa imagem. Não foi para induzir o amor no coração do Pai que Jesus veio e morreu, mas por causa do amor do Pai!

“Uma vez que Jesus vive para sempre, o Seu sacerdócio é permanente. Como resultado, Ele é capaz de salvar definitivamente aqueles que vêm a Deus por meio dEle, vivendo sempre para pleitear seu caso em seu favor” (Hb. 7:24-25, FBV). Veja-se também Rm. 8:34.

Se Deus está principalmente preocupado em responder às questões do grande conflito, bem como em nos salvar, logo, todo o conceito de Jesus fazer expiação, intercedendo com Deus, precisa de explicação muito cuidadosa. Em Jo. 16:26, Jesus diz que não vai implorar com o Pai a nosso favor. Então, com quem é que Ele está pleiteando? Será que Ele está persuadindo um Deus relutante a fazer o que Ele não faria de outra forma? Certamente que não!

No próprio coração da obra expiatória de Cristo, existe o risco de dizermos coisas erradas sobre Deus. Se vemos a Jesus como um Amigo que está tentando convencer o nosso Deus a ser bom conosco, se Jesus é a barreira de proteção que está entre nós e a ira de Deus, o que estamos dizendo sobre Deus, o Pai? Que ele não nos ama tanto quanto Jesus, que Ele é contra nós, que Ele tem de ser convencido a nos perdoar e assim por diante...

Isto não é falar bem de Deus. Na verdade, esta é uma visão pagã de Deus, que exige sacrifício humano para apaziguar deuses terríveis! Será que Deus, o Pai, não nos ama tanto quanto Deus, o Filho? Precisamos ter muito cuidado com o que dizemos sobre o santuário. Ao dizer coisas boas sobre o Filho, podemos estar representando mal o Pai! Deus não nos condena. As acusações vêm do acusador de nossos irmãos, o próprio Satanás. É, por isso, que Jesus fala por nós, para contrariar as acusações do diabo. E notem que isso faz parte das questões mais amplas do grande conflito. Sua intercessão não está tentando convencer o nosso Deus a ser bom conosco. Deus está sempre trabalhando por nós. Portanto, não vamos dividir a Trindade! Pai e Filho são igualmente amorosos e abnegados, e trabalham em conjunto para a salvação e cura da humanidade. A verdade é que, de uma forma completa, Jesus cumpre a função sacerdotal de revelar o nosso Deus para a humanidade.

Comentários de Ellen White

Jesus cuida de cada um como se não houvesse outro indivíduo na face da terra. Como Divindade, Ele exerce grande poder em nosso favor porque, como nosso Irmão mais velho, Ele sente por todos os nossos males. A Majestade do Céu não se manteve distante da degradada humanidade pecadora. Nós não temos um sumo sacerdote que é tão alto, tão exaltado, que não possa nos perceber ou se simpatizar conosco, mas um que, em tudo foi tentado como nós somos, mas permaneceu sem pecado. {**God's amazing grace**, p. 78}

Todos os que são seguidores de Cristo devem tratar uns aos outros exatamente como nós desejamos que o Senhor nos trate em nossos erros e fraquezas, pois todos nós erramos e precisamos de Sua compaixão e perdão. Jesus consentiu em tomar a natureza humana, para que pudesse saber como se compadecer e pleitear com o Pai em favor dos pecadores mortais e fálveis. Ele se ofereceu para se tornar Advogado do homem, e se humilhou para se familiarizar com as tentações com que o homem foi cercado, para que pudesse socorrer os que fossem tentados, e ser um misericordioso e fiel sumo sacerdote. {**Obreiros evangélicos**, p. 92 e 94}

Em Cristo, a Divindade e a humanidade se uniram, e a única maneira pela qual o homem pode ser um vencedor é tornando-se participante da natureza divina. . . . Divindade e humanidade se misturam em quem tem o espírito de Cristo. O apóstolo Paulo escreve: “Em todas as coisas, convinha que fosse feito semelhante a Seus irmãos, para que Ele pudesse ser um sumo sacerdote misericordioso e fiel”. . . “Nós não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas, em tudo foi tentado como nós somos, mas sem pecado”. {**Filhos e filhas de Deus**, p. 24}